



EDUCAÇÃO em FOCO

e-ISSN 2447-5246
ISSN 0104-3293

Creative Commons license



LEV VIGOTSKI: QUEM SOMOS, DE ONDE VIEMOS E PARA ONDE VAMOS?

(Acerca da questão da identidade nacional e religiosa)¹

LEV VYGOTSKY: WHO ARE WE? WHERE DO WE COME FROM AND WHERE ARE WE HEADING FOR?

(On the Question of National and Religious Identity)

Vladimir S. Sobkin²

Tatiana A. Klimova³

Resumo:

A publicação apresenta o artigo de Vigotski “*Avodim hoinu*”⁴ (1917) com comentários. O texto é o último de três artigos que podem ser reunidos em um tríptico dedicado ao problema da relação entre as tradições nacionais e religiosas e a época em que ele vivia. O texto do artigo e os comentários permitem ampliar a ideia a respeito da posição pessoal e semântica do jovem Vigotski numa situação de indefinição política e ética; ajudam também a reconstruir peculiaridades de autodeterminação sociopolítica e ético-nacional do cientista, e precisar as bases que definem, eticamente, o fundamento da abordagem histórico-cultural. Nos comentários ao artigo, são destacadas especificidades da posição de Vigotski em relação aos acontecimentos na Rússia pré-revolucionária de 1917. Ressaltem-se a amplitude filosófico-cultural e a polifonia de múltiplas camadas de diálogo em que Vigotski estava envolvido como autor do artigo. Destaque-se a relação entre temas nele abordados (vivência, problema de escolha, comportamento volitivo, consciência) e temas de trabalhos posteriores do autor no campo da Psicologia. Em alguns comentários são analisados o estilo e a estrutura do artigo.

Palavras-chave: psicologia histórico-cultural, psicologia da vivência, experiência religiosa, problema da escolha, autodeterminação nacional e religiosa, peculiaridades estilísticas.

Abstract:

The paper presents the text of the article by L. S. Vygotsky "Avodim hoinu" (1917) along with detailed comments to it. This article is the last in what may be called a Vygotskian triptych of early works devoted to the problem of complex relationships between national and religious traditions

¹ Tradução do russo para o português de Zoia Prestes, Erondina Santos de Araújo e Elizabeth Tunes.

² Doutor em Psicologia, professor, Diretor do Centro de Sociologia da Educação, Instituto de Administração da Educação da Academia Russa de Educação, Moscou, Rússia. E-mail: sobkin@mail.ru

³ PhD em Psicologia, professora da cátedra de Psicologia Geral e Aplicada, Universidade Ortodoxa de Moscou St. Ioann Bogoslov, Moscou, Rússia. E-mail: t-klim@list.ru

⁴ A transliteração correta dessa frase do hebraico é *Avadim hayinu*. Porém, como ela é o título do artigo de Vigotski, deixamos no resumo a transliteração que aparece na versão em russo, alterando a transliteração no texto em português (N. da T.).

and contemporary times. The text of the article, along with the comments, provides an insight into personal attitudes of the young Vygotsky in a situation of political uncertainty as well as uncertainty of values and norms. It helps to re-construct the features of socio-political and national-ethical self-determination of the scientist; to clarify the grounds that determine the value foundation of the cultural-historical approach. The comments to the article highlight the original character of Vygotsky's attitude towards the events of Russia's pre-October period of 1917. We emphasize the philosophical and cultural scale and polyphonic character of the multi-level dialogue that involves Vygotsky as the author of this article. There is a certain connection between the topics raised in the article (experience, the problem of choice, volitional behavior, consciousness) and the topics that would appear in Vygotsky's works in psychology later. A separate line in our comments focuses on the style and composition analysis of the article.

Keywords: cultural-historical psychology, psychology of experience, religious, experience, the problem of choice, national and religious self-determination, stylistic features.

INTRODUÇÃO

O artigo com o título *Avadim hayinu*, que estamos publicando, é o último do ciclo de três trabalhos do jovem Vigotski, publicados na revista semanal *Novi Put*, entre 1916 e 1917 (VIGOTSKI, 1916a; VIGOTSKI, 1916b; VIGOTSKI, 1917b). Em nossas publicações em números daquela revista, em 2017, dedicamo-nos aos dois artigos anteriores, *Notas de luto e Ideias e ânimos* (SOBKIN e KLIMOVA, 2017a; SOBKIN e KLIMOVA, 2017b). A profunda vivência de Vigotski em relação a seu pertencimento ao passado, presente e futuro permite reunir os três artigos num tipo de tríptico. Tomar consciência dessa relação, tentar reestabelecer “a ligação que se rompeu entre os tempos” por meio de vivências da reviravolta histórico-cultural que ocorria na Rússia era o que desejava o jovem autor de apenas 20 anos. Vale destacar que a relação entre os artigos que citamos com o tema de Shakespeare sobre “o tempo que saiu dos eixos”, a nosso ver, não é casual. É que, praticamente, seis meses antes de escrever esses artigos, Vigotski concluiu seu *Estudo sobre Hamlet* no qual apresentou uma análise psicológica singular, caracterizando a peculiaridade da percepção trágica de mundo. Esse nervo emocional da real Tragédia Histórica, às vésperas dos acontecimentos de outubro, com certeza, será percebido pelo leitor ao conhecer o artigo.

As palavras que aparecem no título - *Avadim hayinu* – foram tomadas do antigo hebraico e significam “*nós éramos escravos*”. Presentes na memória de cada judeu que preserva as tradições nacionais e culturais, essas palavras da *Agadá Pascoal* guardam relação com o êxodo de judeus do Egito e com o ritual da festa *Pessach* [Páscoa]. Essa circunstância precisa ser levada em consideração para esclarecer a nuance semântica do artigo, pois ele foi publicado em março de 1917, ou seja, nos dias em que se comemorava a festa pascoal. Então, o artigo apresenta a *opinião viva e pessoal* do autor em relação à atualização, naquele cotidiano, dos acontecimentos históricos da vida do seu povo. Por sua estilística e construção emocional, o texto pode ser analisado como “um brinde ao trapézio pascoal”.

Ao mesmo tempo, diferentemente dos dois artigos anteriores desse ciclo, escritos em 1916 e que refletem as vivências diante dos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, no artigo em tela, a ênfase não se encontra no *passado*, mas no *futuro*, ou seja: o que significa para os judeus

russos a revolução que ocorreu em fevereiro de 1917, isto é, um mês antes da festa? Voltando-se para o tema da Páscoa – a saída da escravidão – Vigotski ressalta a principal contradição emocional que define a peculiaridade desse sentimento como um conflito entre a esperança e o medo.

Para a resolução da situação de indefinição ética e moral, Vigotski realiza uma reconstrução peculiar, ao buscar o sentido dos acontecimentos à época por meio de vivências dos acontecimentos do passado, escolhendo para isso uma analogia histórica em que essa circunstância se apresenta de forma clara e precisa.

A resolução da situação de indefinição é compreendida por Vigotski como um problema de *escolha do caminho histórico* e das bases filosóficas, psicológicas e políticas dos judeus. Vale destacar que, posteriormente, em seus trabalhos fundamentais de Psicologia, esse tema será aprofundado como um *problema da psicologia geral acerca da escolha*. Essa é a ideia central nos limites da qual ocorre a análise dos mecanismos psicológicos do comportamento voluntário, da sua formação na filogênese e na ontogênese com o emprego de recursos sógnicos específicos. Cabe destacar que esse é um dos momentos mais importantes que definem as especificidades da abordagem histórico-cultural de Vigotski como psicólogo. Entretanto, no caso do artigo aqui publicado do jovem Vigotski – a nosso ver, isso é muito importante - o signo é apresentado de forma muito complexa, como lenda (narrativa) ou mito.

No artigo, Vigotski dedica atenção especial ao tema da “filosofia da escravidão” do seu povo, ao problema da autoidentificação nacional e aos sentimentos negativos de humilhação e vergonha relacionados ao cotidiano da vida judaica. Destacamos que a análise psicológica do *conteúdo da vivência* em situação de escolha (de modo mais amplo, da autodeterminação), infelizmente, não foi desenvolvida nos trabalhos posteriores dos representantes que se filiaram à corrente histórico-cultural.

No contexto da análise de Vigotski sobre a escolha do caminho histórico, os aspectos voluntários ocupam um lugar importante (falta de vontade/vontade em relação à vida). Ele também abordou esse tema no seu trabalho sobre *Hamlet*. Entretanto, no artigo *Avadim hayinu*, a problematização não é realizada no campo da psicologia individual, mas como uma especificidade importante da consciência social; a escolha como um problema da psicologia das massas. Tal projeção para o plano da consciência das massas evidencia a peculiaridade dos aspectos objetivos em que o papel principal é atribuído à causalidade teleológica. Esse fato apresenta um recurso completamente diferente para a análise das questões sobre a relação entre a vontade, a consciência e a vivência.

No artigo, é dado um lugar importante à análise de temas sócio-políticos ligados ao caminho histórico do povo judeu e às contradições políticas na Rússia do período pré-revolucionário. Nessa passagem, há um interesse especial no *diálogo*, diálogo esse *não evidente* para o leitor de hoje, entre os diferentes representantes das correntes políticas judaicas - assimiladores, autonomistas e sionistas. Entretanto, em seu artigo, Vigotski se apresenta como um participante ativo desse diálogo que, *hoje, é inaudível*. Por isso, em nossos comentários ao artigo, nos esforçamos, especialmente, em evidenciar as citações ocultas que Vigotski faz (de V. Jabotinski, de A. Gornfeld, de K. Tchukovski, entre outros). É muito importante também o fato de Vigotski analisar o tema da autodeterminação sem se limitar a fronteiras nacionalistas estreitas, pois ele inclui, no contexto geral, os argumentos de F. Dostoievski, de V. Rozanov, V. Briussov e

de outros sobre a peculiaridade do caminho nacional e religioso. O texto do artigo é internamente dialógico e polifônico. Isso confere uma escala específica aos temas discutidos.

Acrescentamos que, nesse sentido, o artigo não perdeu sua atualidade, cem anos depois de publicado. Vale a pena destacar esse aspecto. Sua atualidade e contemporaneidade, em primeiro lugar, circunscrevem-se aos acontecimentos políticos analisados do ponto de vista de Vigotski em relação aos valores morais, no contexto dos conceitos do Bem e do Mal. Assim, exceto o problema da escolha moral, a problemática da autodeterminação e da autoidentificação nacional perde sentido. Então, o artigo *Avadim hayinu* – sobre a escolha do futuro nacional e político – teve um significado pessoal para Vigotski.

Finalmente, ao apresentar o artigo, é importante destacar que seu autor olhava com esperança para o futuro, contrapondo a *decadência à renascença* do povo judeu. A condição para tal otimismo é um esforço específico para um objetivo. A acumulação da energia da vontade do passado do seu povo serviu de recurso para isso, o que é, exatamente, uma vivência peculiar da experiência histórica.

REFERÊNCIAS

BAUER, Otto. **Natsionalni vopros i sotsial-demokratia** [A questão nacional e a social-democracia]. Moscou: Praksis, 2002, 2016 p.

BIALIK, Chaim Nachman. **Stirrii i poemi** [Versos e poemas]. Telavive: DVIR, 1964. 144 p.

BIBLER, Vladimir Solomonovitch. **Michlenie kak tvorchestvo (Vvedenie v logiku mislennogo dialoga)**. [Pensamento como criação (Introdução à lógica do diálogo mental)]. Moscou: Politizdat, 1975. 399 p.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIUSSOV, Valeri. **Izbrannoe: Stirrotvorenia, liritcheskie poemi** [Obra selecionada: versos, poemas líricos]. Moscou: Moskovski rabotchi, 1979. 288 p.

BUBER, Martin. **Dva obraza veri** [Duas formas de fé]. Moscou: 1995, 464 p.

DOBKIN, Semion Filippovitch. **L. S. Vigotski: natchalo puti. (Vospominania S. F. Dobkina o Lve Vigotskom. Rannie statii L. S. Vigotskogo)** [L. S. Vigotski: o início do caminho (Recordações de S. F. Dobkin sobre Lev Vigotski: primeiros artigos de Vigotski)]. Jerusalém: Ierusalimskii izdatelskii tsentr, 1996, 106 p.

DOSTOIEVSKI, Fiodor Mirrailovitch. **Sobranie sotchinenii. V 15 t. V. 7. Besi**. [Obra reunida em 15 vol. Vol. 7. Os demônios]. Leningrad: Nauka, 1990, 848 p.

DUBNOV, Semion Markovitch. **Pisma o starom i novom evreistve**. [Cartas sobre o novo e o velho judaísmo]. Disponível em: <http://eleven.co.il/article/10052> (Acesso em: 10.02.2018).

IVANOVA, Evguenia. Tchukovski i Jabotinski [Tchukovski e Jabotinski]. Moscou-Jerusalém: Mosti kulturi - Gesharim, 2005. 228 p. Disponível em: Elektronnaia biblioteka RoyalLib.com [Digital Library RoyalLib.com]:

https://royallib.com/read/ivanova_evgeniya/chig_chukovskiy_i_gabotinskiy.html#560174
(Acesso em: 10.02.2018).

JABOTINSKI, Vladimir Evguenievitch. **Vvedenie. Bialik R. N. Pesni i poemi** [Bialik R. N. Canções e poemas]. Saint-Petersburg, 1911. Disponível em: <http://www.rulit.me/books/o-byalike-read-288763-1.html> (Acesso em: 10.02.2018).

KORKUNOV, Nikolai Mirrailovitch. **Proportsionalnie vibori** [As eleições proporcionais]. Disponível em: <http://samzan.ru/106933> (Acesso em: 10.02.2018).

LIFANOVA, Tamara Mirrailovna. *Polnaia bibliografiya trudov Lva Semionovitcha Vigotskogo* [A bibliografia completa da obra de Lev Semionovitch Vigotski]. Em: **Voprosi psirrologii** [Questões da Psicologia], 1996, no. 5, pp. 137—157.

MAOR, Itsrak. **Sionistskoe dvijenie v Rossii** [O movimento sionista na Rússia]. Biblioteka Alii, 1977. 450 p.

ROZANOV, Vassili. **Piostrie temi** [Temas variados]. Moscow-Jerusalém: Mosti kulturi - Gesharim, 2005. 228 p. Elektronnaya biblioteka RoyalLib.com [Digital Library RoyalLib.com]. Disponível em: https://royallib.com/read/ivanova_evgeniya/chig_chukovskiy_i_gabotinskiy.html#560174
(Acesso em: 10.02.2018).

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch. *K issledovaniu poetiki tekstov L. S. Vigotskogo* [Um estudo sobre a poética nos textos de L. S. Vigotski]. Em: **Nauchnoe tvortchestvo L. S. Vigotskogo i sovremennaia psirrologiia** [A criação científica de L. S. Vigotski e a psicologia contemporânea]. Moscou: Academia de Ciências da Educação da URSS, 1981, pp. 143—145.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. «*Traurnie stroki*»: *k voprosu o natsionalno-kulturnom samoopredeleni L. S. Vigotskogo* [“Linhas de luto”: sobre a autodeterminação nacional de L. S. Vigotski]. Em: **Kulturno-istoricheskaia psirrologiia** [Psicologia histórico-cultural], 2017b, no. 2, pp. 4—12. doi: 10.17759/chp.2017.130201

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Kommentarii k neizvestnomu reportaju L. S. Vigotskogo: vpetchatlenia o Fevral'skoi revoliutsii* [Comentários sobre uma reportagem desconhecida de L. S. Vigotski: impressões sobre a revolução de fevereiro]. Em: **Voprosi psirrologiui** [Questões de Psicologia], 2016a, n° 5, pp. 88—101.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Kommentarii k neizvestnomu felietonu L. S. Vigotskogo* [Comentários para uma sátira de L. S. Vigotski]. Em: **Voprosi psirrologii** [Questões da psicologia], 2017a, n. 5, p. 125-138.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Lev Vigotski mejdu dvur revoliutsii: k voprosu o politicheskom samoopredelenii utchenogo* [Lev Vigotski entre duas revoluções: acerca da questão da autodeterminação política do cientista]. Em: **Natsionalni psirrologuitcheski jurnal** [Revista de psicologia nacional], 2016b, n° 3 (23), pp. 20—31. doi: 10.11621/npj.2016.0303

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Lev Vigotski o radosti i skorbi (kommentarii k statie Misli i nastroenia)* [Lev Vigotski: sobre alegria e tristeza

(comentários para o artigo *Ideias e ânimos*). Em: *Kulturno-istoritcheskaia psirrologuia* [Psicologia histórico-cultural], 2017c. Vol. 13. n. 3, pp. 71—82. doi:10.17759/chp.2017130309

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; KLIMOVA, Tatiana Anatolievna. *Neizvestni Vigotski: ob opyte perevoda s drevneevreiskogo* [Vigotski desconhecido: sobre a experiência de tradução do hebraico]. Em: **Voprosi psirrologuii** [Questões de Psicologia], 2016c, n° 4, pp. 76—95.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; LEONTIEV, Dmitri Alekseevitch. *Psirrologuia iskusstva i psirrologuitcheskaia metodologuia v rannir rabotar L. S. Vigotskogo* [Psicologia da arte e a metodologia psicológica nos primeiros trabalhos de L. S. Vigotski]. Em: **Vestnik Moskovskogo universiteta. Series 14. Psirrologuia**. Moscou: 1994, n° 4, pp. 35—44.

SOBKIN, Vladimir Samuilovitch; MAZANOVA, Valeria Sergueevna. *Komentari k «Teatralnim zametkam» L. S. Vygotskogo* [Comentários para as “Anotações sobre teatro” de L. S. Vigotski]. Em: **Kulturno-istoritcheskaia psirrologuia** [Psicologia histórico-cultural], 2014 (b), no. 3, pp. 82—96.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Avodim hoinu* [Avadim hayinu]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1917b, no. 11—12.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Gomel. Konferentsia s.[otsial]-d.[emocratas]* [Gomel. Conferência social-democratas]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1917d, no. 29.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Gomel. Vibori v gorodskuiu dumu* [Eleições para o parlamento da cidade]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1917c, no. 24—25.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *L.O. Gordon (K 25-letiiu so dnia smerti)* [L.O. Gordon (25° aniversário da morte)]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1917f, no. 30.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Michlenie i retch** [Pensamento e fala]. Moscou: Labirint, 1999. 352 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Misli i nastroenia* [Ideias e ânimos]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1916b, no. 48—49.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Na ulitsar Moskvi (vpetchatlenia)* [Nas ruas de Moscou (impressões)]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1917a, no. 9—10.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Polnoe sobranie sotchinenii. V 16 t. T. 1. Dramaturgiya i teatr** [Obra Completa em 16 v. Vol. 1. Dramaturgia e teatro]. Moscou: Lev, 2016. 752 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Provintsialnie zametki* [Notas da província]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1917e, no. 29.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Traurnie stroki (Den 9 ava)* [Linhas do luto (Dia 9 ava)]. Em: **Novi put** [Novo caminho], 1916a, no. 27.

ZAVERCHNEVA, Ekaterina Iurievna; VEER, Rene van der (org.). **Zapisnie knijki L.S. Vigotskogo. Izbrannoe** [Cadernos de anotações de L. S. Vigotski. Seleção]. Moscou: Kanon +, 2018, 608 p.

AVADIM HAYINU¹

A emoção do minuto histórico que vivenciamos² não é apenas uma emoção de grandiosa e honrosa alegria pela libertação do poder opressor do passado, mas, principalmente, a do medo do futuro³. Não seria precisamente assim que deveriam se sentir os egressos do Egito, apenas aqueles que atravessaram as fronteiras e abandonaram o jugo habitual e comum da existência em escravidão quando, diante deles, levantaram-se e abriram-se horizontes ilimitados, cinzentos e incomensuráveis do deserto sem fim? O que será? Para onde ir? Quem sabe qual é o caminho certo?

Ainda ontem, tudo era compreensível e claro: já estávamos acostumados a tudo do dia de ontem. Já havíamos elaborado e enraizado a nossa filosofia da escravidão⁴ e, ontem, a única saída era “a prontidão para ir para a fogueira”⁵. No final das contas, tudo está claro para quem está amarrado: não é preciso perguntar, sofregamente, o que fazer. Mas, hoje, de repente, abruptamente, as mãos foram desatadas. Inadvertidamente, conquistou-se a liberdade de fazer consigo próprio o que se quiser, fazer alguma coisa, mover-se e ir para algum lugar. Ainda não surgiu o jeito livre de andar, ainda não há palavras livres, ainda não se consegue vivenciar com consciência a reviravolta ocorrida; a alma velha ainda vive no corpo velho, se alegre, se contenta e encontra um novo dia. Um novo dia nos alcançou e não estávamos prontos.

Avadim hayinu. A vontade dos judeus estava atada. A história do judaísmo, diz F. Heman, “raramente, é história de atos e, mais frequentemente, é história de sofrimentos; é menos a história do que os judeus fizeram e muito mais a história do que fizeram com eles”⁶. Para um observador de fora, a falta de autonomia interna, a ausência de um núcleo e de uma lei única mudaram seu fluxo no “conglomerado de casualidades”: não é a vontade criadora do povo que determinava, de dentro, o andar sequencial do processo histórico, mas os acontecimentos impuseram, de fora, essa vontade, comunicaram os movimentos aos judeus. Numa palavra, a escravidão não é só do povo, mas também de sua história.

Tudo o que existia no judaísmo ativo rebelava-se contra essa situação das coisas. Dominar a marcha da história, “fazê-la” com as próprias mãos, devolver-lhe a autonomia⁷ – a isso se resumiam as exigências dos partidos políticos judeus. Se, aos olhos das massas, ainda há pouco, a percepção passiva da história como não sendo feita por nós⁸ era o melhor e o mais adequado sistema político, então, aos olhos de uma minoria ativa, esse foi o pior fruto da escravidão.

O jugo que pesa sobre a história judaica ainda não foi totalmente removido e, provavelmente, num breve tempo, poderá ser definitivamente eliminado: ele está profundamente enraizado nas condições básicas da existência do judaísmo, em sua dispersão etc.⁹ Em certa medida, a falta de vontade fatal¹⁰ pode ser superada nos próximos dias: os desejos aproximam-se de sua realização. Os judeus russos, pelo andar dos acontecimentos, estão próximos de descobrir e revelar a vontade do povo¹¹: ela irá devolver a liberdade relativa que fará das revelações e expressões conscientes dessa vontade uma das forças motrizes da história. Por isso, será importante pensar na essência e no significado desse fato, pois nele reside o núcleo e o significado de tudo que a reviravolta acarretou para a vida dos judeus. Em alguma medida, os judeus estão deixando de ficar paralisados, restabelece-se certa fração da vontade do povo¹², dá-se o primeiro passo.

Encontramo-nos agora na soleira de tudo isso, na reviravolta da história judaica.

A consciência da contemporaneidade e as condições históricas de vida no momento circunscreveram o fato de a reviravolta ser moldada exclusivamente a formas políticas. Em sua essência, a reviravolta abrange muito mais, não apenas o fenômeno da política, mas também o da história judaica. Por isso, provavelmente, ela não poderá se limitar unicamente à política, que teve origem no seu âmbito. A reviravolta ultrapassa outros planos da nossa realidade. Por isso, a primeira tarefa do pensamento popular consiste em delimitar rigorosamente a esfera legal do domínio da política e aquela a que esta não deve adentrar¹³. Em termos práticos, a massa judaica não viveu muitos séculos politicamente. Para onde seus partidos políticos a conduzem? O nacionalismo positivista se encontra na base de parcela nacional dos estudos destes. Três raízes teóricas o compõem: o nacionalismo, o autonomismo e a secularização da ideia nacional de judaísmo¹⁴. Em diferentes medidas, essas três raízes atravessam os programas e as teorias de diferentes partidos; porém o essencial é definido por todos. É isso o que é comum a todos, é o que pode ser colocado entre parênteses, é o denominador comum que, indubitavelmente, pode ser exposto numa apresentação única desses partidos e que representa o povo que se encontra fora deles¹⁵. Este não é o lugar adequado para submeter essas bases à análise teórica, mas, em traços gerais, é possível delimitar e apresentar o problema.

O povo, mais do que o partido, a história, mais do que a política, a religião e a compreensão do mundo, mais do que o programa. Jamais é possível construir a vida do povo com base no positivismo e no racionalismo: “até hoje, nenhum povo no mundo se estabeleceu com base na ciência”¹⁶. A existência histórica como problema da cultura popular não é essencialmente um problema político. Quando um dos partidos formulou os seus ideais nas palavras “o partido é o povo” e “o povo é o partido”, ele expressou a própria essência do assédio partidário: transformar o povo num partido político organizado, amalgamado a um único objetivo do programa, e que se submete a uma única disciplina partidária. De fato, não seria esse o ideal: ver todos os judeus como membros do Bund, do SERP (semistas) e do Paolei-sion (sionistas)?¹⁷ É um ideal essencialmente errado. A alma popular não cabe nos limites das crenças e das convicções e a elas não se adequa. A ideia de que todos que se sentem judeus e vivem como judeus não porque “querem ser judeus” (fórmula do nacionalismo), mas porque permanecem judeus, é tão inexplicável como a de ser, a cada instante, você mesmo.¹⁸ Todos que sabem pela experiência interna que a vontade do povo não é criada por decretos, resoluções ou organizações, assim como a cultura não é criada por esforços planejados dos partidos, sabe também que o povo não é criado pela receita do nacionalismo. Tudo isso pode apenas complicar ou facilitar a revelação e a manifestação da vontade popular e atribuir-lhe uma forma correspondente, e nem um fio de cabelo a mais. A vontade popular, mesmo antes, agia invisível e imperceptivelmente, e era misteriosa e poderosa - milhões de judeus, sem combinar, tinham o mesmo conhecimento acerca de milhões de acontecimentos e negócios. A vontade não é dada ao povo como um presente de autonomia pessoal ou territorial. Por isso, só é vital a política judaica que se direciona não para a criação, mas para a revelação autêntica da vontade popular judaica e se submete à história¹⁹. Se o autonomismo não se apoia na vontade viva do povo, então, é uma palavra vazia: a política deve se submeter à vontade do povo e não subjugar-la. Existe uma esfera legal do domínio da política e do nacionalismo positivista: não se pode ir para a Assembleia Constituinte e para os estatutos das leis sem o

positivismo e o racionalismo. A libertação e o destino prometem completar o ciclo de vida popular com a política. Mas até mesmo o nacionalismo positivista admite que “a nação é o histórico em nós.”²⁰

...Nesses dias de libertação, iluminados pelo reflexo do Grande Êxodo, quando está sendo criada a *hagodo viva*²¹, nesses dias, mais do que nunca, sabemos que o problema da vontade popular é, ao mesmo tempo, um problema da consciência popular. A profunda decadência vivenciada pelo judaísmo deve ser substituída pela renascença da consciência popular: somente então viverá a vontade popular²².

L. S. Vigodski

¹ *Avadim hayinu* – artigo publicado pela primeira vez na revista semanal *Novi Put* (n.º. 11, 12 de 24 de março de 1917 na coluna 08-10). Republicado com a introdução de A. Kozulin e algumas correções insignificantes do editor de acordo com a norma do russo atual na revista *Panorama de Israel* (1989, n.º 258); foi incluído também como anexo ao livro de S. F. Dobkin *L. S. Vigotski: o início do caminho* (DOBKIN, 1996, p. 102,106); foi indicada na bibliografia completa dos trabalhos de Vigotski elaborada por T. M. Lifanova (revista *Voprosi Psirrologiui* [Questões da Psicologia], 1996, n.º 05, p. 137-157) (LIFANOVA, 1996). Esse é o último de três artigos de Vigotski que identificamos, dos quais dois (*Linhas do luto e Ideias e ânimos*) foram publicados em números anteriores da revista *Novi Put* (1916 n.º 27, 48 e 49) e dedicados à comparação da situação social e política da Rússia por ocasião dos grandiosos acontecimentos históricos na vida do povo judeu (VIGOTSKI, 1916a; VIGOTSKI, 1916b; SOBKIN e KLIMOVA, 2017a; SOBKIN e KLIMOVA, 2017b).

Avadim hayinu, na tradução do hebraico antigo, significa “*nós éramos escravos*”. São palavras da *Agadá Pascoal* (missal com textos sagrados, comentários à Torá que estão direta ou indiretamente ligados ao tema do Êxodo dos judeus do Egito e como ritual da *Pessach* (Páscoa judaica). A Páscoa judaica (*Pessach*) é uma das principais festas dos judeus que lembra o Êxodo do Egito (diferentemente da Páscoa cristã que está ligada à ressurreição de Cristo e significa a vitória da vida sobre a morte – “a morte atropela a morte”). *Pessach* começa na 14ª noite do mês da primavera do Nissan, em memória daquela noite quando foram salvos os primeiros judeus (Bíblia. Êxodo, 12:22-23) e é celebrada durante 8 dias (em Israel, são 7 dias). Pelo calendário de 1917, *Pessach* foi no dia 24 de março. Assim, esse artigo de Vigotski foi publicado exatamente nos dias de festejo da Páscoa judaica e, por seu estilo e tom emocional, pode ser analisado como “um brinde ao trapézio pascoal”.

A *Pessach* é a festa da liberdade em memória ao Êxodo do Egito e comemorada com um ritual complexo (leitura da *Adagá Pascoal*, celebração de um trapézio peculiar de acordo com as tradições, etc.), que tem como objetivo fazer com que cada nova geração de judeus possa sentir o Êxodo do Egito como algo pessoal. O acontecimento do Êxodo do Egito foi descrito no *Velho Testamento* (Bíblia. Gênesis, 15:13). Um momento importante da celebração da *Pessach* são as respostas às perguntas. Uma delas é: por que essa noite é diferente de todas as outras? Resposta: *nós éramos escravos* (*Avadim hayinu*) do faraó do Egito e o Senhor Nosso Deus nos tirou de lá com sua mão forte e seu músculo estendido. Se o Santo, louvado seja, não tivesse tirado os nossos antepassados do Egito, com nossos filhos e netos seríamos escravizados pelofaraós do Egito. Assim, queremos destacar que a frase apresentada por Vigotski no título do seu artigo - *Avadim Hayinu* – está marcada na memória de cada judeu que preserva e segue as tradições nacionais e culturais.

² *A emoção do minuto histórico que vivenciamos...* – no início da primeira frase, Vigotski define o conteúdo principal e o direcionamento de todo o artigo: avaliação dos acontecimentos daquela época como exclusivos e com um significado histórico importante; é a “*Agadá viva*”, “a história viva que está sendo feita aqui e agora”. Com isso, diferentemente dos outros dois artigos desse ciclo (*Linhas do luto e Ideias e ânimo*), escritos em 1916, aqui, a ênfase não é no passado, mas no futuro: o que significa a Revolução de Fevereiro de 1917, ocorrida um mês antes, para o povo judeu?

Destacamos que a situação política e sociocultural naqueles dias mudava vertiginosamente. Vamos apenas ressaltar alguns momentos ocorridos no final de março de 1917. Em 20 de março de 1917, ocorreu a primeira reunião pública dos sionistas, na Rússia, da qual participaram seis mil pessoas. Praticamente no dia seguinte (21 de março de 1917), o Governo Provisório da Rússia aprovou uma Resolução sobre a revogação das restrições religiosas e nacionais. Sobre o assunto, o Bureau Central do Fundo Nacional dos Judeus na Rússia publicou uma declaração em que destacava: “diante de nossos olhos está acontecendo algo grandioso na história do judaísmo russo e, realmente, é feliz a geração que está destinada a ser testemunha desse momento histórico <...> ainda é difícil abraçar todo o significado

desse acontecimento em toda a sua plenitude. A ausência de direitos enredou tanto a nossa vida, penetrou nos nossos poros, na nossa vida cotidiana, que não podemos de imediato abraçar todas as circunstâncias, tudo o que foi conquistado graças à liberdade civil.” Um pouco mais tarde (26 março de 1917), o conde G. E. Lvov (então Presidente do Governo Provisório) endereçou à Aliança Israelita Universal uma declaração em que afirmava que a Rússia respeitaria a religião dos cidadãos do seu país. No mesmo dia, em Petrogrado, ocorreu uma Conferência dos judeus russos, ao longo da qual se tentou definir o futuro dos judeus na nova estrutura estatal da Rússia (para mais detalhes ver Maor Itsrak *Sionistskoie dvijenie v Rossii*) [O movimento sionista na Rússia (MAOR, 1977)]. Vale destacar que Vigotski acompanhava e vivenciava pessoalmente esses acontecimentos. Então, em seguida (até setembro de 1917), na revista semanal *Novi Put*, surgiram suas publicações com análises da vida política da população judaica na Rússia (VIGOTSKI, 1916b; VIGOTSKI, 1917a; VIGOTSKI, 1917c; VIGOTSKI, 1917d). Para mais detalhes ver nossa publicação *Lev Vigotski entre duas revoluções: sobre a questão da autodeterminação política do cientista* (SOBKIN e KLIMOVA, 2016. Em português ver: Revista Fractal, v. 29, set./dez./n. 3, 2017).

³ ...a emoção [...]do medo pelo futuro – aqui, vale destacar três momentos: primeiramente, uma referência clara à passagem bíblica que caracteriza o sentimento dos judeus ao se aproximarem da terra habitada: “E murmurastes nas vossas tendas: ‘Iahweh nos odeia! Fez-nos sair da terra do Egito para nos entregar nas mãos dos amorreus e nos exterminar’” (Bíblia. Deuteronômio, 1:27). Em segundo lugar, esses sentimentos de medo e de perigo da população judaica em relação ao futuro é mencionado por Vigotski em seu texto anterior *Na ulitsar Moskv* [Nas ruas de Moscou], publicado duas semanas antes (VIGOTSKI, 1917a). No artigo, sob a forma de pequenas reportagens e esboços, foram descritos os estados emocionais contraditórios (alegria, medo, insegurança diante do futuro) da população judaica de Moscou, praticamente, no dia seguinte à Revolução de Fevereiro. Esse mesmo tema Vigotski abordará mais tarde na publicação *Provintsialnie zametki* [Notas da província] em que ele destaca o preocupante “horizonte dos *progrom*” (VIGOTSKI, 1917e). Em terceiro lugar, a ênfase na descrição do medo em relação ao futuro, evidentemente, relaciona-se com a citação apresentada acima da declaração do Bureau Central do Fundo Nacional de Judeus na Rússia: *a ausência de direitos enredou tanto a nossa vida, penetrou nos nossos poros, na nossa vida cotidiana*. De acordo com isso, vale destacar que Vigotski toca num aspecto muito importante relacionado ao próprio problema de escolha pelos judeus de seu caminho histórico, de suas bases filosóficas, psicológicas e políticas. Vale dizer que para essa peculiaridade, em especial, Martin Buber também chamava a atenção ao analisar o problema da escolha na estrutura da autoconsciência judaica: “a estrutura da escolha, inalterada, permanece essencial, determinante das bases do direito da vida humana e pode ser substancial porque nela se desvenda o mistério da duplicidade primária das raízes e do sentido, em geral, de tudo o que é espiritual ... em nenhuma pessoa a estrutura da escolha foi desnudada com tanta força e se tornou tão dominante e central como no judeu” (BUBER, 1995). Vale destacar que a vivência subjetiva de escolha do caminho pelos judeus, na etapa da reviravolta histórica, posteriormente, seria reformulada por Vigotski em seus trabalhos de Psicologia, como um *problema da escolha* na psicologia geral, tornando-se um dos temas centrais de suas obras na análise dos mecanismos psicológicos do comportamento voluntário e sua formação na filogênese e na ontogênese, com o emprego de meios sógnicos (mediação). Esse é um dos momentos centrais que definem a peculiaridade da abordagem histórico-cultural na psicologia.

⁴ Já havíamos elaborado e enraizado a nossa filosofia da escravidão... – a nosso ver, essa é uma avaliação clara que está relacionada à opinião do grande líder sionista V. Jabotinski, formulada no artigo *O Bialike* [Sobre Bialik] (1911). “Bialik se aproxima da parte mais triste, menos espirituosa e mais humilde da queda dos judeus: a assimilação... Ele se aproxima diretamente do próprio espírito da assimilação, desvela e fragmenta sem pudor essa pequena alma eriçada e nada encontra além de humilhações profundas e ilimitadas. O que mais o impressionou foi a *sinceridade da escravidão* (grifos nossos), o ímpeto e o desejo não do medo, mas da consciência introduzida pelo judeu desnacionalizado no seu trabalho escravo; não é apenas um homem escravizado que carrega o jugo por obrigação, mas um *escravo consciente, o escravo entusiasmado que com vontade beija a mão* (grifos nossos). Bialik chama de “o mais grandioso castigo dos deuses” esse traço deturpado, essa capacidade interna de se adequar à mentira e de “renegar o próprio coração” (JABOTINSKI, 1911).

⁵ ...a prontidão para ir para a fogueira – é uma citação do verso de Valeri Briussov *Poetu* [Ao poeta] (1907):

De tudo seja testemunha fria,
A tudo direcionando seu olhar.
Que seja uma virtude sua -
A prontidão para ir para a fogueira. (BRIUSSOV, 1979).

A citação mais ampliada apresentada permite fazer dois destaques importantes: primeiramente, Vigotski não admitia a prontidão do escravo para se tornar vítima, o que é confirmado pela citação do verso de Briussov. Aliás, vale notar também que, provavelmente, a formação dessa posição moral e ética esteja ligada aos acontecimentos que

ele viveu na infância (aos sete anos), decorrentes dos *pogroms* judaicos, em Gomel (1903), quando, pela primeira vez, na Rússia, surgiu um confronto aberto da população judaica com os que faziam os *pogroms*. Vale destacar também que esse fato é muito importante para a compreensão da biografia de Vigotski, pois um dos líderes do Comitê Judaico de Autodefesa, em Gomel, era seu pai, S. L. Vigodski. Em segundo lugar (e isso não é tão evidente), para Vigotski, considerando o contexto geral do poema, é importante também a não aceitação da posição ética de Briussov, relacionada apenas à exigência de um testemunho frio dos acontecimentos históricos. Ao contrário, para Vigotski, o envolvimento pessoal com os acontecimentos, uma reação ativa a eles e a autodeterminação numa situação social de indefinição têm uma importância primordial.

⁶ ...diz F. Heman: “raramente é a história dos atos e, mais frequentemente, é a história de sofrimentos; é menos a história do que os judeus fizeram e muito mais a história do que fizeram com eles” - Vigotski cita o fragmento de um trabalho que sintetiza a obra de Karl Fiedrich Heman (K. F. Heman) *Geschichte des jüdischen Volkes seit der Zerstörung Jerusalems* [A história do povo judaico desde a destruição de Jerusalém]. Além disso, Heman também escreveu uma série de outros livros dedicados à questão judaica: *Das Erwachen der jüdischen Nation: Der Weg zur endgültigen Lösung der Judenfrage* [O despertar da nação judaica. O caminho para a solução final da questão judaica] (1897); *Die historische Weltstellung der Juden und die moderne Judenfrage* [A posição histórica dos judeus no mundo e a questão judaica moderna] (1885).

Para a compreensão da especificidade do artigo de Vigotski é importante prestar atenção ao fato de que esta mesma citação é usada por V. E. Jabotinski no artigo mencionado acima *Sobre Bialik*: “A história do povo judeu não deve ser mais o que foi até hoje, ou seja, ‘a história do que os outros fizeram com os judeus’: a partir de hoje, os novos judeus querem fazer a sua própria história, deixar a marca de sua vontade e do seu destino, numa medida justa, também no destino do país onde residem” (JABOTINSKI, 1911). De acordo com isso, podemos concluir que, ao escrever o artigo, evidentemente, Vigotski dialogou com seus contemporâneos como Jabotinski, expressando sua discordância com as ideias sionistas. A nosso ver, isso esclarece substancialmente o contexto semântico, social e político do artigo de Vigotski.

Finalmente, vale acrescentar que essa mesma citação do trabalho de Heman é encontrada nos cadernos de anotações pessoais de Vigotski, de 1915, que se encontram nos arquivos da família: “‘A história dos judeus não era a história do que os judeus faziam, mas muito mais a história do que faziam com eles.’ A política deve tornar-se nossa religião. Essas palavras de Feuerbach vocês assimilaram. Marx: há tempos, os filósofos escavaram o mundo, está na hora reestruturá-lo. A política de vocês é reconstruir o judaísmo, atribuir-lhe uma ‘essência de estado’ e organizar politicamente sua vontade. Vocês querem realizar um judaísmo político, porém falam com os *lábios do poeta* sobre a poeira e o pó do judaísmo. Sua falta de força e de vontade é a sua história” (ZAVERCHNEVA e VAN der VEER, p. 61).

O fragmento do caderno de anotações de Vigotski apresentado é importante, a nosso ver, em função de três circunstâncias. Primeiramente, confirma-se o significado que tem para ele o fato de *a própria história do judaísmo*, teleologicamente, ser feita “de dentro” e não ser determinada “de fora”. Aliás, vale notar que a diferença dos *pontos de vista* “de fora” e “de dentro” tem um significado primordial nos trabalhos de Vigotski daquele período (SOBKIN e KLIMOVA, 2017a). Assim, ainda em 1915, ou seja, dois anos antes de escrever o artigo que estamos comentando, ele estudou intensamente o tema da autodeterminação nacional do povo judeu, mais especificamente, o problema pessoalmente significativo de sua própria autodeterminação. Em segundo lugar, nos parece extremamente importante que, no fragmento apresentado, evidencia-se muito bem o dialogismo, que é particularmente mostrado com o emprego múltiplo do pronome “vocês”: “vocês querem”, “falam com os lábios”, etc. Tudo isso fala da característica do pensamento de Vigotski como um *diálogo* desdobrado com seus oponentes. Destacamos que é exatamente a dialogicidade que é analisada como uma característica fundamental do *pensamento criador* e esse fato foi destacado especialmente por V. S. Bibler (BIBLER, 1975). Vale acrescentar, isso é bem provável, que seja exatamente a experiência pessoal de um pensamento como um diálogo desdobrado que tenha repercutido e tenha sido estudada, mais tarde, por Vigotski na sua obra fundamental *Pensamento e fala* (1934). Em terceiro e último lugar, pelos cadernos de anotações pessoais de 1915, dedicados ao judaísmo, torna-se compreensível quem, para Vigotski, é seu oponente interno principal. Sem dúvida, é Jabotinski, que analisava a obra de Bialik como um desafio moral do poeta à prática cotidiana da vida judaica, atravessada de autoaniquilamento.

⁷ ...devolver-lhe a autonomia... – vale destacar que o termo autonomia é empregado na problemática judaica, partindo, inicialmente, do trabalho de Leon Pinsker (1821-1891). A obra *Selbstemanzipation* [Autoemancipação] foi publicada em 1882 e teve um papel importante no desenvolvimento do sionismo. Nela, fundamenta-se a necessidade da autogestão judaica e a impossibilidade de assimilação. Pinsker discutiu detalhadamente as origens do antissemitismo e, como médico, definia o antissemitismo com termos médicos: psicose, distúrbios psíquicos e fobia irracional.

Mais tarde, o *autonomismo* – como uma das correntes do movimento nacional judaico – fundamentou a possibilidade da existência nacional judaica em diáspora. Supunha-se que os judeus poderiam formar suas comunidades culturais e nacionais peculiares e suas atividades seguiriam as leis dos países em que residissem. A teoria do autonomismo foi elaborada por S. M. Dubnov (1860-1941) e descrita por ele no livro *Pisma o starom i novom*

ievreistve [Cartas sobre os antigos e novos judeus] (1907). Analisando os diferentes estágios do desenvolvimento nacional (racial, político-territorial, histórico-cultural), Dubnov discute, especialmente, o estágio histórico-cultural, quando a nação se consolida exatamente como “uma nação espiritual que vive por força dos fenômenos ou da vontade consciente para a vida” (DUBNOV, s/d).

No plano ideológico, os autonomistas encontravam-se sob a mira de uma crítica rigorosa tanto dos sionistas como dos assimiladores. Em função disso, houve um interesse especial na discussão sobre o artigo de Kornei Tchukovski intitulado *Evrei i russkaia literatura* [Os judeus e a literatura russa] (1908), em que o autor examinou com rigor a impossibilidade de uma participação plena de escritores judeus na cultura russa e seu papel secundário nela. Dessa discussão participaram V. G. Tan, V. Jabotinski, A. Gornfeld, O. L. D’or, M. Bugrovski, V. Varvarin (V. V. Rozanov), entre outros. A discussão se estruturava em torno das seguintes questões: o enraizamento e o desenraizamento, a cidadania e o patriotismo, o internacionalismo e o cosmopolitismo, o ímpeto da intelectualidade judaica para a assimilação, a interrelação entre o ídiche, o hebraico e a língua russa (para mais detalhes ver *Tchukovski e Jabotinski*, de E. V. Ivanova (2005) (IVANOVA, 2005).

O autonomismo era apresentado como um dos princípios fundamentais nos programas políticos de diferentes partidos judaicos daquela época. Assim, por exemplo, no programa do partido Bund (União Geral de Operários Judeus na Lituânia, Polônia e Rússia), um dos partidos mais antigos de esquerda, de orientação socialista, declarava-se como objetivo a criação de *autonomia nacional e cultural* e de um sistema laico de educação e formação. Apesar de sua orientação antissionista, Bund apresentou quatro princípios basilares: o socialismo, o secularismo, o *idichismo* (o desenvolvimento da cultura na língua ídiche) e o pertencimento ao lugar de residência (“*lá onde vivemos é o nosso país*”). Destacamos que, praticamente algumas semanas depois da publicação do artigo de Vigotski, na X Conferência Russa do Bund (abril de 1917), foram formuladas as resoluções: *Sobre a questão nacional na Rússia, Sobre a autonomia nacional e cultural, Sobre a efetivação da autonomia nacional e cultural, Sobre a revogação das limitações nacionais, Sobre os direitos da língua judaica*. O *autonomismo* era apresentado como um dos princípios fundamentais também pelo partido SERP (Partido Socialista Operário Judeu – eram os “semitas”) que se opunha às posições sionistas do Bund e declarava três princípios: o socialismo, a luta revolucionária contra a monarquia, o territorialismo, a saber, a criação de um Estado autônomo judeu na Palestina. Na discussão sobre a questão nacional da Rússia, esse partido se posicionava pelos princípios do federalismo, pela necessidade de *autonomia nacional e cultural* (organização do sistema de saúde, divulgação do conhecimento, emigração e outras questões da vida judaica). O *princípio do autonomismo* era defendido também pelo Partido Judaico Social-democrata dos Operários (Poalei-sion, “Operários do Sião”) que tinha um caráter claramente sionista e, inicialmente, no seu programa (1906), também figurava a criação de um Estado autônomo judaico na Palestina.

⁸ ... a percepção passiva da história como não sendo feita por nós - esta frase, que não se encontra entre aspas, no texto de Vigotski, é uma citação da obra já mencionada de Jabotinski, *Sobre Bialik*. Para reconstruir o contexto, vamos ampliar o texto do fragmento: “...os preconceitos da passividade tradicional ainda estão profundamente assentados na alma das massas; os rebeldes ou os sonhadores de todas as interpretações, <...> na verdade, não possuíam raízes firmes na massa judaica e já enraizada <...> os preconceitos existiam e permaneceram por si sós e aos olhos da massa, também por si só, a percepção passiva da história como não sendo feita por nós foi, como sempre, o mesmo e o mais adequado sistema político. Em Kichinirov (está se referindo ao pogrom de Kichinirov, de 1903), a história submeteu o gueto, que ressurgia, a uma grande provação, a um terrível exame de maturidade. Lamentável, vergonhosa e terrivelmente, o gueto que ressurgia não passou nas provas. Suas crianças ainda não haviam sido preparadas para a luta aberta, não tinham coragem para o enfrentamento nem orgulho para cruzar os braços e esperar a morte na soleira de sua casa. Um sentimento obscuro, complexo, incompreensível dominou os corações judeus da Rússia quando receberam a notícia de Kichinirov. Não era um simples sentimento de desgraça. No fundo desse sentimento escondia-se algo candente, sofrido, que quase fazia esquecer a própria tristeza e que ninguém conseguia nomear. Então, Bialik ... desvendou para eles esse sentimento, cujo nome não sabiam. Era a vergonha” (JABOTINSKI, 1911).

Assim, o contexto do segundo, terceiro e quarto parágrafos do artigo *Avadim hayinu* (ver também comentários 4, 6 e 7), Vigotski emoldura substancialmente com o problema da “escravidão” do povo judeu. Desse modo, a emoção dominante da vivência dessa escravidão se apresenta como sentimento de vergonha, que é destacado por Jabotinski ao discutir a poesia de Bialik.

Essencialmente, essa parte do artigo foi escrita em diálogo com Jabotinski, como uma discussão oculta sobre suas posições que justificavam o programa político do sionismo. Como comprovação dessa tese, no caderno de anotações de Vigotski que se encontra nos arquivos da família, verifica-se: “...você quer voltar a roda da história judaica, corrigir o erro histórico, começar a construir do início, racionalmente, a sua vida?” (ZAVERCHNEVA e VAN der VEER, 2018, p.60).

Vale notar que a questão discutida por Vigotski ainda não perdeu sua atualidade. Historicamente, não há uma solução simples para ela. O Estado autônomo judeu existe. Mas existe a vida dos judeus em diáspora.

⁹ ...nas condições básicas da existência do judaísmo, em sua dispersão, etc. – aqui, Vigotski não trata às claras das questões sobre as alternativas de desenvolvimento do povo judeu na Rússia que eram amplamente discutidas naquela época: assimilação, federalismo nacional e sionismo. Essas questões não eram tratadas apenas pelos judeus, mas também pelos representantes da cultura russa. Assim, por exemplo, V. V. Rozanov destacou que a peculiaridade dos judeus se situava na sua dispersão, na sua vida no *galut* (diáspora judaica – N. da T.). Aqui, eles se encontram em sua pátria: “A perda da própria pátria é a verdadeira história de Israel... na *dispersão* se aloja o seu reconhecimento, na *dispersão* está sua salvação” (grifos nossos) (ROZANOV, 2005). Segundo Rozanov, isso se manifesta também na ideologia nacional e caracteriza um tipo psicológico peculiar dos judeus.

¹⁰ ...*falta de vontade fatal* – Vigotski remete o leitor à ideia de Dubnov sobre os estágios do desenvolvimento nacional, quando o descobrimento das origens espirituais faz a vontade de viver se manifestar, permitindo a transição para o próximo nível de desenvolvimento nacional – o histórico-cultural (para mais detalhes, ver comentário 7).

Vale notar que a questão da perda da vontade nacional, na discussão sobre a história do povo judaico, é também abordada por Vigotski em seus dois artigos anteriores a esse: *Linhas do luto* e *Ideias e ânimos*. Entretanto, se nestes artigos a ênfase principal se encontrava na contraposição de *presente* e *passado*, no caso do artigo em questão, emprega-se outro recurso, completamente novo, de análise e discussão do *presente* e do *futuro* da vida judaica.

¹¹ ...*revelar a vontade do povo* – Vigotski assinala um aspecto importante que se relaciona com o comportamento volitivo ou, mais precisamente, com a *relação entre a consciência e a vontade*. Assim, ele aborda um aspecto peculiar e extremamente importante da consciência: sua intencionalidade. Em outras palavras, é importante destacar “os ímpetos”, as necessidades do povo que se articularão com orientações conscientes e direcionadas ao objetivo da manifestação da vontade popular. Vale destacar que, no segundo artigo deste ciclo - *Ideias e ânimos* - o autor discute a questão da *relação entre consciência e vivência*.

Assim, em seus primeiros artigos, dedicados à contraposição da história judaica e sua contemporaneidade, Vigotski assinala cenários propriamente psicológicos. Cabe acrescentar que o problema da relação vontade, consciência e vivência na estrutura do comportamento já fora detalhadamente analisado por ele, um ano antes, ao escrever o estudo sobre *Hamlet*, no qual o tema principal foi a análise da natureza da ausência de vontade do principal personagem (VIGOTSKI, 2015). No presente artigo, esse tema é discutido não como um problema da consciência individual, mas como uma peculiaridade importantíssima da consciência social, um problema da psicologia de massa. Esse aspecto é extremamente importante para a compreensão da origem da psicologia histórico-cultural porque permite falar sobre a característica de Vigotski como pesquisador, quando os postulados teóricos gerais se mostravam profundamente internos, vivenciados e repletos de sentidos pessoais.

Importa acrescentar que, posteriormente, nos trabalhos fundamentais de psicologia, o problema da unidade afeto-intelecto e também o do comportamento volitivo serão centrais para o autor.

¹² ... *restabelece-se certa fração da vontade do povo...* – a compreensão desta frase não é fácil. Pode ser que, nesse caso, Vigotski, egresso da Faculdade de Direito da Universidade de Moscou, tenha querido trazer à baila um trabalho muito conhecido, de N. M. Korkunov, *Proportionalnie vibori* [Eleições proporcionais] (1896), muito popular àquela época. Naquele trabalho, o autor discute o aspecto político-social do sistema eleitoral, destacando que: “Os representantes eleitos pela maioria não expressam os interesses de todos, mas de parte dos eleitores... para saber o interesse de qual parte dos eleitores expressa, de fato, a decisão da maioria, é necessário multiplicar a *fração* que expressa a maioria eleitoral pela *fração* (grifos nossos) que expressa a maioria decisória” (KORKUNOV, s/d). Dessa forma, Vigotski destaca a necessidade de levar em consideração a complexa diferenciação social, econômica e cultural da população judaica na Rússia e também as necessidades de diferentes grupos quando tomam decisões políticas sobre a questão nacional.

¹³ ... *delimitar rigorosamente a esfera legal do domínio da política e aquela a que esta não deve adentrar* - aqui, Vigotski define um tema novo e substancial que será discutido posteriormente: a relação da política com outras esferas da vida cultural e nacional. Vale destacar que isso não é apenas uma virada temática no artigo, mas também a manifestação de um novo problema substancial, que define a visão geral de mundo do autor. A confrontação da política com outras esferas da vida (mais precisamente, a penetração da política em outras esferas da vida, a politização) é uma questão extremamente atual também para a realidade da Rússia de hoje.

¹⁴ ... *o nacionalismo, o autonomismo e a secularização da ideia nacional de judaísmo* – ver com mais detalhes o comentário 7.

¹⁵ ... *representa o povo que se encontra fora deles* – aqui, parece que o foco é a campanha política de preparação para as eleições para a Assembleia Constituinte que, depois da derrocada de Nicolau II, foram, inicialmente, marcadas para setembro de 1917. Depois da eleição, o governo provisório deveria entregar seus cargos.

¹⁶ ... até hoje, nenhum povo no mundo se estabeleceu com base na ciência – uma citação não muito precisa de F.M. Dostoiévski, que remete o leitor ao romance *Os Demônios* (conversa de Stavroguin e Chatov): “... nenhum povo, até hoje, se estabeleceu com base na ciência e na razão; não houve ainda nenhum exemplo, a não ser por um minuto, por tolice. A razão e a ciência exerceram na vida dos povos sempre, agora e desde o início dos séculos apenas a função secundária de prestar serviço, e assim exercerão até o fim dos séculos. Os povos se formam e se movem por outra força que os governa e os domina, mas ninguém sabe sua origem. É a força de uma vontade incansável de ir até o fim e que, ao mesmo tempo, a nega. (...) Nunca houve um povo sem religião, ou seja, sem a compreensão do mal e do bem. Cada povo tem sua compreensão do mal e do bem e seu próprio mal e seu próprio bem. Quando os conceitos de mal e bem se tornam comuns a muitos povos, estes morrem e a diferenciação entre mal e bem começa a se esgarçar e desaparecer” (DOSTOIEVSKI, 1990).

¹⁷ ...ver todos os judeus como membros do Bund, do SERP (semitas) e do Paolei-sion (sionistas) – Vigotski enumera os representantes dos partidos judaicos mais importantes: BUND, SERP (semistas), Paolei-sion (sionistas) (para mais detalhes ver comentário 7).

¹⁸ A ideia de que todos que se sentem judeus e vivem como judeus não porque “querem ser judeus” (fórmula do nacionalismo), mas porque permanecem judeus, é tão inexplicável como a de ser, a cada instante, você mesmo – essa ideia é apresentada de forma desdobrada no caderno manuscrito de Vigotski que está nos arquivos da família (caderno IV, de 1915). Vamos transcrever o fragmento correspondente: “O fato de eu ser judeu se confirma por minhas vivências místicas internas, que se enraízam profundamente nos séculos com linhas imperceptíveis ligadas à vida suprarracional e supraconsciente da alma popular no seu passado e presente – o que me é dado internamente “pela estrutura triste da alma, pela marca do Deus vivo” e eu sempre sinto que sou judeu “marcado”, eu sou judeu! A nação é o histórico em nós (*Historische in uns*). <...> histórico em nós é o nacional em nós, diz Otto Bauer - a nação se manifesta na nacionalidade de cada membro da comunidade o que significa que o caráter (a constituição da alma – L. V.) de cada membro da comunidade é definido pelo destino dos seus conterrâneos, vivido em comum pelo processo de interrelação constante”. Eis porque eu sou judeu: não porque eu quero ser assim – não sou nacionalista, não por força da minha vontade; sou judeu – e isso é o mais misterioso, inexplicável e místico, como o que eu sou eu, absolutamente irracional. ‘Compreendemos a nação como um processo’ – diz ele, a seguir. Isso é extremamente importante: a nação não são apenas os judeus atuais, mas um processo histórico de existência de quaisquer dos velhos ou dos futuros judeus, todos estão interligados num único nó que é a alma do povo. Então, o conceito de judaísmo se funde com o conceito da história judaica” (ZAVARCHNEVA e VAN DER VEER, 2017, p. 37).

Por estas anotações é possível ver que a questão da autoidentificação nacional para Vigotski era muito aguda mesmo dois anos antes de escrever o artigo em questão. Além disso, a identificação nacional era vivenciada e compreendida por ele como um sentimento irracional peculiar, que se distinguia do nacionalismo racional positivista que analisava o problema nacional, única e exclusivamente, no plano político. Vale ainda destacar que a autoidentificação nacional para o jovem Vigotski de 19 anos (o caderno é de 1915), na sua base, está ligada às vivências da história do seu povo. E é exatamente essa compreensão que originou e continuou sendo discutida e aprofundada em seus artigos publicados na revista semanal *Novi Put*, em 1917.

¹⁹ ... para a revelação autêntica da vontade popular judaica e se submete à história – essa ideia é próxima à ideia de S. M. Dubnov (1907), formulada anteriormente por ele na sua análise acerca do desenvolvimento histórico da nação (ver comentário 7). Ela é muito importante não apenas para a compreensão do artigo de Vigotski, como também para a caracterização da abordagem histórico-cultural do autor que será desenvolvida em seus trabalhos posteriores no campo da psicologia. A história não é apenas um olhar para o passado a partir do presente, é também a imagem do futuro presente no dia de hoje; o passado é a hipótese do futuro. Isso é importante para esclarecer as bases éticas que são fundantes na corrente da psicologia elaborada por Vigotski. Com muita nitidez tal compreensão do significado do passado se manifesta na análise de uma das principais questões de sua teoria: a relação entre a ontogênese e a filogênese no desenvolvimento psíquico. Não se pode projetar o novo no vazio, “numa folha em branco”. O novo deve considerar as etapas anteriores: a inclusão orgânica delas (por meio do vivenciar e da vivência) como determinantes da lógica geral do plano de desenvolvimento em perspectiva.

Aliás, é importante considerar a peculiaridade da relação “passado-presente-futuro” também para a compreensão da biografia do próprio Vigotski, das especificidades de sua autodeterminação no período da Revolução de Outubro. Realmente, os acontecimentos políticos que se aproximavam tornaram-se a pedra angular e apresentaram outro lema político: “...destruiremos totalmente o mundo de opressões, vamos construir um mundo nosso, um mundo novo...” (estrofe do hino da Internacional Socialista em russo – N. da T.). Nessa frase, vamos nos repetir, tudo se origina de “uma folha em branco”. Para Vigotski, ao contrário, o novo é a continuação da história, uma vivência peculiar do passado.

Em suma, em seus artigos sobre a questão judaica – sobre a autodeterminação nacional – Vigotski segue a linha das reflexões que começaram um pouco antes, na análise da tragédia de *Hamlet*, de Shakespeare, em que um dos temas centrais é a frase “rompeu-se a linha dos tempos”. É exatamente ela que dá início à situação problema da tragédia que Vigotski detalhadamente discute.

²⁰ ...a nação é o histórico em nós – Vigotski está se referindo ao trabalho de Otto Bauer *O problema nacional e a social-democracia* (1908), publicado no idioma russo, em São Petersburgo, em 1909, pela editora Serp, do Partido Socialista Operário Judaico.

Otto Bauer (1881-1938) foi um dos líderes da social-democracia austríaca e da II Internacional, um ideólogo do marxismo austríaco. Como teórico ficou famoso pela teoria nacional-cultural da autonomia, apresentando ideias da social-democracia, da “revolução com boletim eleitoral”.

No seu texto, citado por Vigotski, Bauer discute os seguintes temas: o caráter nacional, a comunidade natural e a comunidade cultural, o conceito de nação, a consciência nacional e o sentimento nacional, a crítica dos valores nacionais, a política nacional, o princípio de nacionalidade, o estado nacional. A frase citada por Vigotski foi empregada por Bauer no seguinte contexto: “A compreensão materialista da história, preparada, por um lado, pelo darwinismo e, por outro, pela ciência histórica, que explica o processo histórico da vida, ou seja, o processo de formação da nação não com as qualidades de determinado espírito do povo, mas com fatos do desenvolvimento econômico, é capaz de explicar a nação como produto infinito de um processo ininterrupto de desenvolvimento cuja última força motriz são as condições de luta do ser humano com a natureza, o desenvolvimento das forças produtivas, as mudanças nas relações de trabalho. Desse ponto de vista, a nação é o histórico em nós (*Historische in uns*). Na diversidade individual, que liga cada indivíduo aos demais indivíduos do seu povo, numa comunidade nacional, sedimentou-se a história de seus antepassados (naturais e culturais), seu caráter; trata-se da história cristalizada (*erstarute Geschicht-te\kristallisierte Geschichte*). A comunidade de caráter nacional é formada porque as especificidades pessoais e a individualidade de cada um formaram-se na luta pela existência das comunidades precedentes” (BAUER, 2002).

O fragmento transcrito mostra com clareza que Otto Bauer tentou interpretar a nacionalidade do ponto de vista materialista, pela lógica marxista. Do nosso ponto de vista, isso é importante porque permite supor que Vigotski tenha começado a estudar o marxismo devido ao seu interesse pela questão nacional e como tentativa de compreender a questão judaica no fluxo histórico.

²¹ ...iluminados pelo reflexo do Grande Êxodo, quando está sendo criada a hagodo viva – aqui, Vigotski retorna ao tema da *Agadá Pascoal* (ver comentário 1), levando, indiretamente, o leitor à frase *Avadim hayinu (nós éramos escravos)*, que se encontra no título do artigo. Como já destacamos (SOBKIN, 1981; 2015; SOBKIN e KLIMOVA, 2016a; 2016b; 2016c; 2017a; 2017b; 2017c), ele se vale do procedimento que emprega tradicionalmente em seus textos – uma espécie de *moldura* que une o início e o fim. Vale prestar atenção ao fato de que não é apenas um procedimento formal de elaboração do texto, mas precisamente a estruturação de relações substanciais peculiares entre o autor e o leitor. Desse modo, Vigotski convida o leitor a uma participação conjunta na *Agadá Pascoal*. Essa especificidade de estilo atribui à voz do autor do artigo uma tonalidade emocional singular que corresponde ao festejo. O importante para o leitor é ouvi-la para compreender a posição semântica pessoal de Vigotski em relação à questão judaica.

²² *A profunda decadência vivenciada pelo judaísmo deve ser substituída pela renascença da consciência popular: somente então viverá a vontade popular* – ao finalizar o artigo, Vigotski contrapõe decadência à renascença. Em outras palavras, o cansaço dos costumes morais tradicionais e o sentimento de desesperança se contrapõem ao sentimento de renascimento, fundamentado nos valores da personalidade, da liberdade e da construção ativa. Vale ressaltar que o emprego do princípio da contraposição dialética e o ímpeto pela busca das contradições configuram-se em momentos-chave que caracterizam o pensamento de Vigotski em seus diversos trabalhos de crítica literária, de análise política e científicos.

Além disso, é importante atentar para duas passagens. Uma é de um diálogo oculto com F[riedrich] Nietzsche que, na obra *O caso Wagner* (NIETZSCHE, 1888), caracterizou a decadência como um declínio da época, como “vida mesquinha, fim da vontade, grande cansaço”. Vigotski, ao contrário, contrapõe ao fim da vontade a vontade pelo futuro como uma qualidade-chave da nova renascença, do renascimento nacional judaico. A outra passagem diz respeito à questão da relação entre a consciência e a vontade que Vigotski, mais tarde, tratará muitas vezes em suas investigações psicológicas. O problema da força de vontade está na solução da contradição entre duas *orientações vitais e éticas*. Aliás, esse tema se desdobra na mesma obra de Nietzsche (*O caso Wagner*): “... a libertação de valores contraditórios”. Entretanto, Vigotski torna mais complexo o problema cultural de diferenças éticas, transferindo sua análise para o plano social e psicológico: a vontade é entendida por ele exatamente como um esforço para fins especiais, uma energia determinadamente orientada. Para realizar uma ação voluntária em um novo patamar histórico, é preciso, um modo específico de dominar, “tomar as rédeas” (mediar) a energia afetiva e volitiva do passado. Isso

significa vivenciar de modo peculiar a experiência histórica. Aliás, a isso é dedicado o artigo sobre o festejo da *Páscoa judaica*.